**ABORDANDO A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL E CULTURAL NO ÂMBITO ESCOLAR:**

**VAMOS BRINCAR DE BONECA?**

Eixo temático: Lutas indígenas, quilombolas e de comunidades tradicionais e infância.

**RESUMO**

O presente estudo de cunho qualitativo, se encontra em andamento e tem como objetivo enfatizar a importância do brincar e da boneca como instrumentos pedagógicos para abordar a diversidade étnico-racial e cultural na escola. A temática surgiu do interesse das pesquisadoras frente à publicação da lei 11.645/08, que prevê o ensino das culturas e histórias afro-brasileira e indígenas nos espaços escolares. Analisa a boneca indígena - Ritxòkò e a africana - Abayomi, utilizadas como estratégias pedagógicas para retratar a diversidade étnico-racial e o respeito mútuo entre as diferentes culturas.

Palavras-Chave: Brincar, bonecas, diversidade étnico-racial e cultural.

1. **INTRODUÇÃO**

A Criança nem sempre foi compreendida em sua essência, mas sim como um adulto em miniatura. Hoje, depois de muito estudos e lutas é possível entendê-la como um sujeito de direitos conquistados ao longo do tempo.

A Lei nº 8.069/90 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) garante a criança[[1]](#footnote-1) em seu art. 16, parágrafo IV o direito de “Brincar, praticar esporte e divertir-se”, e ainda em nível nacional e internacional o art. 31 da convenção de Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas (ONU) diz: “Os Estados Partes reconhecem o direito da criança ao descanso e ao lazer, ao divertimento e ás atividades recreativas próprias da idade, bem como à livre participação na vida cultural e artística.”

Na área da educação uma conquista notória foi à implementação da Lei 11.645/08 (BRASIL, 2008), que torna obrigatório o ensino da cultura e da história afro-brasileira e indígena no país. Essa oportunidade de se trabalhar nas escolas a história e as manifestações culturais dos povos indígenas é um grande avanço na formação de pessoas para uma sociedade futura que respeite as diferenças.

Um mundo que se auto define como moderno e civilizado não pode aceitar conviver com essa ausência de democracia racial, cultural e política. Como se pode ser civilizado se não se aceita conviver com outras civilizações? Como se pode ser culto e sábio se não se conhece - e o que é bem pior - não se aceita conhecer outras culturas e sabedorias? (BANIWA, 2006, p. 35).

Para Mascioli (2006) para que exista a compreensão e o respeito sobre as diferenças das diversas culturas, às escolas devem assumir seu papel como instituição educadora, responsável pela formação de pessoas críticas. A educação para o respeito das diferenças deve acontecer desde a infância, reconhecendo a cultura infantil e a ludicidade que é própria dessa fase do desenvolvimento.

Partindo destes pressupostos, o artigo apresenta instrumentalização teórica que aborda a temática em faces da brincadeira/jogo e do brinquedo, convidando o educador a refletir sobre o caráter lúdico nas ações pedagógicas e salientando que toda criança além do direito tem a necessidade de brincar. “A brincadeira é um espaço educativo fundamental da infância, pois, por meio do brincar, a criança pode construir uma identidade autônoma, cooperativa e criativa” (MASCIOLI, 2005 p. 109).

Assim, a presente pesquisa tem por objetivo enfatizar a importância do brincar como instrumento para abordar a diversidade étnico-racial e cultural no ambiente escolar.

Para atingirmos tal objetivo, estamos realizando uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico e exploratório com base na análise de documentos legais, livros, teses e artigos científicos, encontrados em periódicos referentes à temática

Segundo Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa bibliográfica engloba toda a bibliografia relacionada ao tema de estudo, e tem o propósito de colocar o pesquisador em contado direto com tudo que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto. “A pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras.” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 183).

Com o aporte da teoria Histórico Cultural - Vigotsky e colaboradores - entre eles Luria, Leontiev e Elkonin, compreende-se aqui que o ser humano apenas constitui sua humanidade por meio das relações que estabelece socialmente, ou seja, a criança se desenvolve psiquicamente por meio de estímulos e mediações advindos do adulto e dos objetos presente em seu entorno, e aí estão situados os brinquedos e as bonecas.

O brincar infantil é pautado na filosofia marxista que concebe o mundo como resultado de processos histórico-sociais que alteram não só o modo de vida da sociedade, mas inclusive as formas de pensamento do ser humano. (VIGOTSKY, 1982). Portanto, toda conduta do ser humano, incluindo o brincar, é construída como resultado de processos sociais.

Elkonin (1998), apoiado em estudos de Vigotsky e Leontiev, aborda o jogo, como um elemento inerente ao processo historicizador, tendo o fator social como base de sua natureza e origem, pois “o jogo nasce das condições de vida da criança em sociedade [...]. ” (ELKONIN, 1998, p. 36).

Segundo Mascioli (2006) a referida teoria aponta como unidade fundamental do jogo, a brincadeira própria das crianças em idade pré-escolar (três a seis anos), o que Elkonin (1998) denominou de “Jogo Protagonizado ou Jogo de Papéis Sociais”.

No jogo protagonizado ocorre a interação dos papéis desempenhados pelas crianças, nesse caso é fundamental que a criança se porte de uma forma mais avançada que sua idade, para assim, reportar o papel social proposto, ação essa que fomenta o desenvolvimento e elabora experiências passadas, além do que, seu desenvolvimento exige um processo de cooperação, que pode auxiliar a superação do egocentrismo infantil. O brinquedo, em especial a boneca, apresenta-se como suporte para a imaginação estimulada durante o faz de conta presente no Jogo Protagonizado ou Jogo de Papéis Sociais.

É por meio da possibilidade lúdica e simbólica permitida pelo objeto-brinquedo, que a criança satisfaz seus desejos de conviver com o adulto, reproduzindo suas relações e suas atividades de trabalho. A criança desempenha várias atividades que influenciam seu desenvolvimento psíquico. Desenhar, modelar, recortar, construir; cada uma dessas atividades tem seus propósitos, suas particularidades e exercem influências específicas no desenvolvimento infantil. Mas é o jogo que é entendido como atividade principal da criança em idade pré-escolar. (MASCIOLI, 2006).

* 1. **A DIVERSIDADE ÉTNICA-RACIAL E AS BONECAS DE DIFERENTES CULTURAS**

O Brasil é um país constituído por diferentes povos, assim como relata França “no Brasil convivemos com portugueses, indígenas de diferentes etnias, negros, libaneses, eslavos, italianos, alemães, japoneses, e seus descendentes e cultivamos certo prazer neste convívio”. (FRANÇA, 2010, p.44). Diante disso torna-se evidente o alto índice de miscigenação, o que reflete dentro das salas de aulas, formando as turmas heterógenas.

Apesar do fato, as atividades pedagógicas propostas pelo currículo, que utopicamente possui um discurso multicultural e pluriétnico, ainda são retrógradas, centradas apenas na cultura predominante, marginalizando as da minoria, dado isso, é possível compreender a sociedade excludente em que vivemos.

Os brinquedos por sua vez, mais especificamente as bonecas, nosso objeto central de estudo, estão presentes em diversas culturas, seus significados variam de acordo com a cultura que os compõem e nem sempre é um objeto diversificado e suficientemente representativo, uma vez que em sua maioria retrata um padrão único de beleza.

 Temos uma farta herança lúdica e histórica que poderia ser ofertada aos alunos, entretanto Mascioli (2016) destaca:

Em meus estudos, pesquisas e andanças pelo país ofertando cursos e palestras desenvolvidos para professores e professoras em formação, comprovei que a grande maioria das bonecas e bonecos que são dispostas em brinquedotecas e/ou espaços destinados ao lúdico não permite que se estabeleça uma relação com as diferenças físicas, étnicas ou de gênero. (MASCIOLI, 2016, p. 34).

A diversidade étnico-racial vai além das bonecas que são ofertadas pelas escolas contemporâneas, que são “pele branca, cabelos loiros, olhos claros, corpo magro e atlético são as formas vigentes dos bonecos e bonecas industrializados que são oferecidos pelo comércio atualmente. ” (DORNELLES, 2003, p. 4).

Uma forma de ampliarmos o olhar para este contexto, pode ser estudando as origens e representatividades existentes no objeto boneca, visto que bonecos (as) são brinquedos tradicionais, que reportam a realidade física humana e “[..] para certas tribos indígenas, conforme pesquisas etnográficas, é símbolo de divindade, objeto de adoração” (KISHIMOTO, 1997, p.15).

A aldeia indígena Karajá deu vida a boneca Ritxòkò, que significa “boneca de cerâmica” (SILVA, 2015), a Ritxòkò tornou-se parte da identidade desse povo indígena. São produzidas pelas mãos das mulheres karajás e trazem significados que vão além de brinquedos. Enquanto as produzem as crianças ficam ao redor, assim, aproveitando para internalizar as técnicas de produção enquanto brincam.

Piagge, Perez, Souza (2019) apontam que as bonecas Ritxòkò compõem uma “família” que são dadas as crianças na infância e são cultivas até o fim da mesma, quando as obrigações passam a mudar, esse ritual acontece de geração para geração, já que, é uma prática tradicional do povo Karajá. Com o presente recebido os karajás começam a entender as fases da vida, visto que, a coleção da Ritxòkò contém bonecas com diferentes idades. “Brincando, a criança se reconhece na boneca e aprende a ser Karajá. “ (PIAGGE; PEREZ; SOUZA, 2019, p. 64).

Temos também a boneca Abayomi da cultura africana, que segundo Vieira (2015) é outro exemplo de alta relevância cultural, possui uma vasta riqueza em seu significado, entretanto, ela é pouca ou nada abordada dentro do espaço escolar.

Dentro da rica cultura africana a Abayomi é símbolo de resistência, as mães africanas produziam as bonecas com retalhos de suas roupas, apenas com tranças ou nós, para acalentar as crianças durante as terríveis viagens no navio negreiro que transportava os homens e mulheres escravizados. A boneca tornou-se um amuleto de proteção “revestida” pelo amor de mãe, para aqueles momentos desumanos de separação da família afro brasileira.

1. **ALGUMAS CONCLUSÕES ATÉ O MOMENTO...**

A identidade da criança é formada a partir da cultura que está em seu entorno, destarte, destaca Leontiev (1978, p. 282 apud PAIVA; NUNES; DEUS, 2010, p.92).

O homem não nasce dotado das aquisições históricas da humanidade. Resultado estas do desenvolvimento das gerações humanas, não são incorporados nem nele, nem nas suas disposições naturais, mas no mundo que o rodeia, nas grandes obras da cultura humana.

Logo, é essencial estabelecer a diversidade nas escolas, para agregar a todos e manter viva nossas raízes, entretanto, mediante as pesquisas realizadas e do conhecimento do currículo escolar, sabe-se que até mesmo os livros didáticos passaram por reformulações após a promulgação da lei 11.645/08, estabelecendo que:

O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

Todavia, é de conhecimento a importância dos povos indígenas e africanos na construção do Brasil atual, porém a obrigatoriedade da disseminação dessas culturas dentro das escolas tem apenas uma década, aproximadamente, o que é extremamente recente perto dos cinco séculos após a chega dos europeus no Brasil. Vejamos aí, a defasagem da pluralidade étnica cultural no âmbito escolar.

Para termos uma educação inclusiva, bem como, uma sociedade inclusiva, cabe a escola acolher os alunos de diferentes culturas e inseri-los no contexto escolar, para assim, valorizar nossas raízes e agregar todos os componentes da escola. Frente aos brinquedos da educação infantil, o professor deve “Problematizar os brinquedos oferecidos para as crianças para que os bonecos representem as diferenças e diversidade cultural”. (BROUGÈRE, 2004, p. 14).

A brincadeira é uma atividade lúdica e inerente a criança que transcorre de geração para geração, ou seja, é historicamente construída, compreende-se uma criança saudável, aquela que desfruta do seu direito de brincar e desenvolver ali suas potencialidades múltiplas.

Permitir o acesso das crianças às bonecas de diferentes culturas e etnias, nos parece ser uma possibilidade rica e interessante para se trabalhar na educação básica, promovendo práticas pedagógicas voltadas para a diversidade étnico-racial e cultural no ambiente escolar.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BANIWA, G. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje.** Brasília, MEC/SECAD/LACED/Museu Nacional, 2006. Disponível em: <http://www.trilhasdeconhecimentos.etc.br/livros/arquivos/ColET12\_Vias01WEB.pdf> Acesso em: 29/11/19.

BRASIL, **Lei 11.645/08**, 10 de março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

\_\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial nacional para a educação infantil.** Brasília; MEC/SEF, 1998.

BROUGÈRE. G**. Brinquedos e companhia**. São Paulo: Cortez, 2004.

ONU. **Declaração Universal dos direitos das crianças.** 1990. Disponível em <https://www.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/comite-brasileiro-de-direitos-humanos-e-politica-externa/ConvDirCrian.html>. Acesso em: 13/11/2019.

DORNELLES, L.V. **Infância que nos escapam: da criança na rua à criança cyber.** Petrópolis: Vozes. 2003.

ELKONIN, D. Borisovich. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FRANÇA, C. de C. **O outro e eu: que relação é esta na educação**. IN BELENE, Saléte Grando e Passos. Luiz Augusto (org.): o eu e o outro na escola: contribuições para incluir história cultura dos povos indígenas na escola. Cuiabá: Edufmt, 2010.

ISHIDA. V. K. **Estatuto da criança e do adolescente**. São Paulo: Atlas, 2015.

KAUÊ, V. **Bonecas abayomi: símbolo de resistência, tradição e poder feminino.** Galedés Instituto da mulher negra. 2015. Disponível em: <https://geledes.org.br/bonecas-abayomi> Acesso em: 13/11/10

KISHIMOTO, T. M. Jogo, **brinquedo, brincadeira e a educação.** São Paulo: Cortez, 1997.

\_\_\_\_\_\_. **O jogo e a educação infantil.** São Paulo: Pioneira, 1998.São Paulo, 1997.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnica de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2003.

MASCIOLI, S. A. Z. **Jogos brinquedos e brincadeiras: um olhar lúdico para a questão da diversidade étnica no espaço escolar.** Revista Moitará. Araraquara, v. 2, n.1, 2014.

\_\_\_\_\_\_. Brincadeira cantada. In: ANGOTTI, Maristela (Org.). **Educação infantil em diálogos.** Alínea, 2012.

\_\_\_\_\_\_. **Brincar: um direito da infância e uma responsabilidade da escola.** In: ANGOTTI, Maristela (org.). Educação infantil: para que, para quem e por quê? 4 ed. Campinas: Alínea, 2006.

PAIVA, N. S. G.; NUNES, L. dos G. A. N.; DEUS, M. F. **A construção da identidade da criança na educação infantil numa perspectiva histórico-cultural.** Olhares & Trilhos. Uberlândia, ano 9, n. 11, 2010.

PIAGGE, A. C. M. D.; PEREZ, M. C. A.; SOUZA, T. P. **Reflexões acerca da boneca indígena: educação escolar, diversidades e infâncias.** Revista eletrônica da educação (RELEDUC). Jaú, ano 2, v. 2. n. 2. 2019.

SILVA. T. C. **Ritxoko**. Cânone Editorial, 2015.

1. Entende-se por criança para efeito da lei a pessoa de até 12 anos incompletos. [↑](#footnote-ref-1)